

Eleições norte-americanas 2020, Covid-19 e Internet - A decadência de Donald Trump

DOI: 10.5935/1984-9044.20210006

Thiago Perez Bernardes de Moraes¹, Romer Mottinha Santos²

Resumo: A eleição presidencial dos Estados Unidos em 2020 foi uma das mais polarizadas e polêmicas da história, marcada pela pandemia da Covid-19 e por protestos relacionados ao movimento Black Lives Matter. Os Estados Unidos em 2020 foram o país com mais contaminações e mortes pelo novo Coronavírus, o que levou a posição de Trump no enfrentamento à pandemia a ser questionada. Trump por outro lado adotou um discurso negacionista, não só ignorando medidas sanitárias como o uso de máscaras, mas também buscando diminuir a importância do vírus. Em razão disso, busca-se neste trabalho aferir se a atenção pública em relação à Covid-19 pode ter afetado os votos de Trump. A hipótese é de que possivelmente o interesse dos americanos pela Covid-19 pode ter levado a uma avaliação ruim sobre Trump, prejudicando assim de algum modo o desempenho eleitoral. Os resultados mostram aderência da hipótese onde 8,2% dos votos perdidos por Trump podem ser explicados pelo interesse dos internautas pelo tema Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Donald Trump; eleições 2020; Covid-19; Google Trends.

US elections 2020, Covid-19 and the Internet - Donald Trump's decline

Abstract: The 2020 US presidential election was one of the most polarized and controversial in history marked by the Covid-19 crisis and protests related to the Black Lives Matter movement. The United States in 2020 was the country with the most contamination and deaths from the new Coronavirus which led to Trump's position in facing the pandemic to be questioned. Trump on the other hand adopted a denialist discourse ignoring sanitary measures like wearing masks and also seeking to diminish the importance of the virus. As a result, this work seeks to gauge whether public attention in relation to Covid-19 may have affected Trump's votes. The hypothesis is that possibly Americans' interest in Covid-19 may have led to a poor assessment of Trump, thus hampering electoral performance. The results show adherence to the hypothesis where 8.2% of the votes lost by Trump can be explained by the Internet users' interest in the Covid-19 theme.

KEY WORDS: Donald Trump; elections 2020; Covid-19; Google Trends.

¹ Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy (UAJFK)

² Secretaria de Estado da Educação do Paraná

Introdução

De maneira geral, a crise da Covid-19 que emergiu em 2020 representou um desafio hercúleo para a economia mundial, assim como para governos e sociedades (Karwowski, Kowal, Groyecka, Białek, Lebuda, Sorokowska & Sorokowski, 2020). A Covid-19 impôs um desafio que se deu tanto no âmbito da saúde pública, como também nas relações políticas e econômicas, mudando muitas tendências e acelerando outras que já estavam em curso. A pandemia da Covid-19 transformou o cenário político americano influenciando, por consequência, as eleições de 2020, ao mesmo tempo que criaram prioridades políticas urgentes para a nova administração Biden (Galea, Ettman, Maani & Abdalla, 2021).

Nessa compreensão, não resta dúvida de que a pandemia do

novo Coronavírus fornece um caminho de teste único quanto aos limites do partidarismo e identidade política (Gollwitzer, Martel, Brady, Pärnamets, Freedman, Knowles & Van Bavel, 2020). Nesse sentido, a pergunta que guia este trabalho é: a atenção pública em relação à pandemia da Covid-19 (mensurada por meio das buscas do Google) pode ter influenciado o resultado da corrida eleitoral de 2020? Considerando que os resultados da pesquisa de Baccini, Brodeur & Weymouth (2020) e de Warshaw, Vavreck & Baxter-King (2020), que apontam uma possível relação entre a quantidade de infectados e mortos por Covid-19 e a redução de votos de Donald Trump, é provável que, no mesmo sentido, a atenção dos internautas sobre o tema Covid-19 pode

ter servido como um desestímulo ao voto em Trump.

Para testar essa hipótese, foi realizado um quase-experimento natural contabilizando dados sobre a distribuição geográfica de votos entre Joe Biden e Donald Trump em 2020 e também a distribuição de interesse público na web (mensurado com o *Google Trends*) em relação ao tema Covid-19. Os resultados apontam que mais de 8% da perda de votos de Trump podem ser relacionados pelo fato “interesse na Covid-19”, contudo, o efeito não pareceu significativo para Joe Biden.

É importante destacar que para este trabalho não foram utilizadas outras causas e condicionantes de desempenho eleitoral

relacionadas por Bruno Wilhelm Speck e Emerson Urizzi Cervi (2016), sendo: recursos financeiros, tempo de propaganda gratuita, memória eleitoral e contextos paroquiais e metropolitanos. Ou seja, para esta pesquisa, foi utilizada apenas a variável atenção pública em relação à Covid-19 para relacionar ao desempenho eleitoral. Todavia, consideram-se pertinentes, para futuras pesquisas análises de desempenho eleitoral norte-americano com a política externa, os conflitos bélicos, fatores econômicos no país, predomínio de democratas ou republicanos em determinados estados, protestos nas ruas (como *Black Lives Matter*) e desempenho nas redes sociais.

Covid-19 e Eleições 2020 nos Estados Unidos



O A crise da Covid-19 é rica em lições e muitas delas são especialmente válidas para os Estados Unidos. Uma dessas lições é que os vírus não dependem de passaportes; não são limitados às fronteiras internacionais ou à retórica nacionalista. Em nosso mundo globalizado, uma doença contagiosa originária de um país pode se tornar pandêmica. A disseminação de doenças é um efeito colateral negativo da globalização. Sempre que surgem crises ultrapassando as fronteiras de um país, elas exigem uma resposta global e cooperativa, como no caso das mudanças climáticas (Stiglitz, 2020).

No início da primeira onda de Covid-19, uma série de medidas foram adotadas por diversos países com o objetivo de frear a curva de contágio da doença. A *Blavatnik School of Government* da *Oxford University*, por exemplo, sugeriu a adoção de medidas como: (a) bloqueios que atingem a liberdade

de movimentação; (b) medidas de distanciamento social a fim de reduzir a transmissão da comunidade; (c) restrições mais severas em relação à liberdade econômica assim como as operações comerciais e atividades organizacionais. De maneira geral, as medidas de isolamento social enfraqueceram o campo produtivo levando a oscilações de mercado e ao aumento do desemprego, o que por sua vez atingiu desproporcionalmente as comunidades mais vulneráveis, gerando em muitos casos agitações civis, como, por exemplo, nos estados do Michigan, Colorado e Virgínia. Essa atmosfera foi simbolicamente moldada por um debate fomentado pela interação entre mídia convencional, comentários em redes sociais e notícias falsas (*fake news*), sendo que, tomadas em conjunto, essas informações serviram para alimentar um número significativo de teorias da conspiração acerca da origem do vírus, ou, ainda, sobre os debates referentes às

formas de achatar a curva de contágio da Covid-19, além de questões que relacionam o uso de equipamentos de segurança, desenvolvimento rápido de vacinas e a criação de hospitais de campanha (Landmana & Splendore, 2020).

Nesse sentido, Warshaw, Vavreck e Baxter-King (2020), Baccini, Brodeur e Weymouth (2020) e Baringer, Herron e Smith, (2020) traçam pontos fundamentais para a compreensão da envergadura da crise da Covid-19 nos Estados Unidos e sua relação com a corrida eleitoral:

I. No início de janeiro a Organização Mundial de Saúde anunciou a descoberta de um novo tipo de Coronavírus que seria responsável por um surto em Wuhan (China). Nos Estados Unidos, a prevenção começa por meio de triagem em três grandes aeroportos, enquanto, no dia 20 de janeiro, o primeiro caso de

Covid-19 é diagnosticado em solo americano. Como consequência, a Casa Branca, em 31 de janeiro, anunciou a proibição de viagens de estrangeiros que estiveram na China nos últimos 14 dias. No dia 29 de fevereiro, a primeira morte por Covid-19 foi registrada nos Estados Unidos (em Washington).

II. No dia 11 de março, a OMS declarou estado de pandemia que levou o presidente Donald Trump, no dia 13 de março, a declarar emergência nacional (desbloqueando assim 50 bilhões de dólares em financiamento federal a fim de combater a propagação da doença). Poucos dias depois, muitos estados americanos anunciaram o fechamento de escolas; a Califórnia, em 19 de março, foi o primeiro estado a emitir ordem de “fique em casa”. No dia 26 de março, Trump sanciona uma lei que fornece 2 trilhões de dólares em ajuda a governos locais, hospitais e empresas. No dia 28 de maio, os Es-

tados Unidos alcançaram a faixa de 100 mil mortes por Covid-19 e, em 22 de setembro, esse número saltou para 200 mil mortes.³

III. A Covid-19 nos Estados Unidos sobrecarregou os serviços de saúde e também mudou o perfil de consumo, levando a um maior nível de desemprego em um cenário de crise econômica. Nesse sentido, contrastando com a maior parte dos líderes mundiais, Donald Trump buscou minimizar a ameaça do Coronavírus. Trump chegou a dizer inclusive que, possivelmente, o vírus “iria embora” naturalmente. Isso se refletiu em uma queda de aprovação presidencial, visto que, segundo dados do Gallup, quase 60% dos americanos desaprovam a resposta de Trump à pandemia.

IV. A alta desaprovação do desempenho do governo diante

da pandemia sugere que a maioria dos americanos culpou o governo pela incapacidade de conter a disseminação, ao mesmo tempo que boa parte do eleitorado enxergou o aumento de casos e mortes como uma ameaça para si mesmo e para seus parentes.

V. É interessante destacar que as pesquisas de opinião sinalizam uma diferença significativa de atitude em relação à pandemia entre democratas e republicanos. De um lado, apenas 25% dos republicanos afirmaram ter preocupação em contrair o coronavírus, enquanto, entre democratas, esse percentual foi superior a 80%. Nesse cenário, a polarização política e o partidatismo parecem ter levado os diferentes eleitores a experimentarem o mesmo evento de forma diferente de acordo com suas bases ideológicas e partidárias.

³ Em 10 de janeiro de 2021 o número de casos de Covid-19 nos Estados Unidos já alcançava 22.363.382 e 375.472 casos fatais. Fonte: Bing COVID-19 Tracker, 10 de janeiro de 2021.

Parece, portanto, haver consistência na relação causal entre partidarismo e atitudes diante da pandemia de Covid-19. Nesse entendimento, Anton Gollwitzer e seus colaboradores (2020) desenvolvem um estudo com base em dados de rastreamento de 15 milhões de *smartphones* e dados sobre a eleição de 2016. Os resultados indicam que os estados americanos que votaram predominantemente em Donald Trump, em vez de Hillary Clinton, tiveram, durante o período de março a maio de 2020, 14% menos de distanciamento social. Além disso, o partidarismo mostrou-se um preditor de distanciamento social muito mais forte que a densidade populacional, renda e outros dados demográficos e etários. É interessante destacar também que o consumo de uma conservadora, como a Fox News, também se mostrou um significativo preditor de redução no distanciamento social. Vale dizer que tais diferenças partidárias

no comportamento de distanciamento social influenciaram fortemente os níveis de infecção por Covid-19 e também maiores altas nas taxas de contágio e mortes em condados pró Donald Trump.

Antes de março de 2020, os cuidados em saúde já eram um tema central do ciclo eleitoral. Historicamente, os eleitores americanos sempre classificam esse tema como parte do topo da lista de questões consideradas importantes para o país. Aliás, esse é um tema sensível, sobretudo aos democratas, que o classificaram como tema número 1 em todas as disputas primárias. Aliás, em 22 das 23 eleições primárias realizadas até março de 2020, a maioria dos eleitores democratas expressou apoio ao “*Medicare for All*”. É nesse contexto que o ex-vice-presidente Joe Biden emerge como líder democrata, ao mesmo tempo que grande parte dos Estados Unidos enfrentava medidas

restritivas em razão da Covid-19, o que levou o tema saúde pública a se consolidar como protagonista nessa corrida eleitoral⁴ (McInturff & Lewis, 2020).

Algumas investigações recentes têm explorado o efeito do partidarismo sobre reações individuais ao novo coronavírus nos Estados Unidos e traçam panoramas que podem ser extrapolados para os outros cenários, a partir de pesquisas de opinião recentes e futuras investigações acadêmicas (Schaefer, 2020). Shana Kushner Gadarian, Sara Wallace Goodman e Thomas Pepinsky (2020) analisaram dados em um *survey* aplicado para 3000 norte-americanos, realizado entre 20 e

23 de março, uma semana após o presidente do país declarar estado de emergência. As autoras e o autor encontraram evidências estatísticas robustas de que a identificação partidária, controlada por variáveis como renda, gênero, idade, localização geográfica e raça/cor, produz efeito sobre as maneiras como as pessoas se comportam perante a crise. Existem diferenças significativas, considerando a amostra pesquisada, entre indivíduos identificados e filiados ao Partido Democrata (partido de Joe Biden) e os identificados e filiados ao Partido Republicano (partido de Donald Trump), no que diz respeito a aspectos como: lavar as mãos mais frequentemente, buscar informações sobre o vírus e o apoio, por exemplo, ao fechamento de escolas (Schaefer, 2020, p. 88).

Por meio de dados de GPS e dos resultados de um *survey* aplicado com 2000 entrevistados, foi men-

⁴ Além da questão da saúde, os eleitores em 2020 se concentraram no tema igualdade racial, visto que 2/3 dos americanos mostraram acreditar que o racismo é um problema relevante na sociedade contemporânea. Nesse sentido, as pesquisas mostraram na época que 63% dos eleitores apontavam que possivelmente Biden seria mais eficiente em lidar com a questão racial, contra apenas 31% dos que pontuaram que Trump saberia melhor como lidar com essa situação (McInturff & Lewis, 2020).

surado o nível de distanciamento social em distritos dos Estados Unidos. Os dados de GPS foram coletados por meio do site *Safe-Graph* que analisa, com base nos dados de *smartphones*, a circulação de pessoas em locais importantes, como shoppings, supermercados e aeroportos. O cruzamento do padrão de circulação de pessoas entre janeiro e abril na maioria dos distritos eleitorais estadunidenses e o voto em Trump em 2016 foi significativo: onde há mais votos em Trump há menos o distanciamento social (Allcott, Boxell, Conway, Gentzkow, Thaler & Yang, 2020). Nos resultados do *survey*, foram encontradas evidências da variação, por exemplo, entre a crença de que a pessoa contraiu o novo coronavírus sem isolamento social e a identificação partidária: uma diferença de mais de 10 pontos percentuais entre democratas e republicanos (Schaefer, 2020).

Quanto ao possível efeito da pandemia de Covid-19 em relação ao resultado eleitoral da corrida de 2020, Leonardo Baccini, Abel Brodeur e Stephen Weymouth (2020) desenvolvem um largo estudo estatístico elencando diversas variáveis (distribuição espacial) relacionadas à Covid-19, tais como quantidade de mortos, nível de infecções dentre outras. O resultado sugere que os casos de Covid-19 afetaram negativamente a votação de Donald Trump. Nesse caminho, o efeito parece ter sido mais consistente em áreas urbanas, em estados indecisos e também em alguns estados onde Trump foi vitorioso em 2016. As evidências nesse sentido apontam que Trump talvez tivesse vencido a eleição se o volume de casos de Covid-19 fosse pelo menos 5% mais baixo (o que poderia ter gerado resultados diferentes no Arizona, Geórgia, Pensilvânia e Wisconsin). Esses resultados sugerem que os eleitores tendem a punir líderes que

eles compreendem como incapazes de lidar com situações prioritárias (como a Covid-19).

Os resultados obtidos na pesquisa de Christopher Warshaw, Lynn Vavreck e Ryan Baxter-King (2020) apontam direções parecidas com a pesquisa de Leonardo Baccini, Abel Brodeur e Stephen Weymouth (2020), ao concluir que, possivelmente, Trump, assim como os outros candidatos republicanos, poderia ter se beneficiado eleitoralmente da redução de mortes por Covid-19. Contudo, isso implicaria uma ênfase na defesa do isolamento e distanciamento social, assim como no uso de máscaras de proteção facial, álcool em gel e outras estratégias para a mitigação da contaminação (medidas antagônicas ao discurso de Trump e dos republicanos de maneira geral).

A liderança presidencial se faz importante, sobretudo em momentos de crise, e nesse sentido

não faltam exemplos nos Estados Unidos sobre a forma de se lidar com crises. Abraham Lincoln, por exemplo, exerceu uma liderança assertiva para conduzir a nação, durante a Guerra Civil, da mesma forma que Roosevelt enfrentou a Grande Depressão com a promessa do “*New Deal*”, levando o Congresso a aprovar soluções para a crise econômica dentro dos 100 primeiros dias do cargo. Na mesma esteira, John Kennedy mostrou-se firme na liderança durante a crise dos Mísseis de Cuba em 1962, navegando assim pelo tortuoso caminho entre a União Soviética e a presença de armas em Cuba. Em comum, em cada uma dessas crises, os líderes se cercaram de conselheiros técnicos que forneceram caminhos para lidar com a crise. Nesse entendimento, Lincoln formou uma “equipe de rivais” para obter informações e experiências sobre a Guerra Civil, visando estabelecer uma agenda de reforma duradoura para a “reconstrução”.

Roosevelt, por sua vez, se cercou de uma equipe notavelmente talentosa e técnica; do mesmo modo, John Kennedy buscou se cercar de pessoas altamente qualificadas, sobretudo os “garotos prodígios” da *Ivy League*. Em todo caso, a tomada de decisões em situação de crise tem que se dar pela harmônica interação entre os líderes políticos e burocráticos, a fim de chegar a consensos coletivos (Rutledge, 2020).

Nesse entendimento, podemos afirmar que “nenhuma administração presidencial dos EUA fez mais para minar a cooperação global e o papel do governo do que a de Donald Trump” (Stiglitz, 2020). O presidente Donald Trump é responsável direto pelo despreparo dos Estados Unidos e pela falha na resposta à epidemia. Desde que assumiu a presidência, Trump sistematicamente desmontou o sistema de saúde pública protetiva. Trump é altamente culpado, mas ele não é o único

motivo da situação de calamidade diante dessa epidemia. O sistema norte-americano de assistência médica com fins lucrativos ganha dinheiro com doenças, não com saúde. Há um sistema que favorece os ricos, em vez de um sistema de saúde pública para todos os americanos que antecipa e controla com eficiência novos patógenos por meio de testes, rastreamento de possíveis infectados e quarentena. Os norte-americanos lutam para se manterem vivos, enquanto Trump age como se ele estivesse mais interessado em salvar a economia (SACHS, 2020).

Nessa esteira, Paul Rutledge (2020) e Agastya Wardhana (2020) delineiam uma série de apontamentos importantes sobre a forma como Donald Trump conduziu a crise da Covid-19 nos Estados Unidos, conforme se destaca a seguir:

I. Desde o início da pandemia da Covid-19, Trump demonstrou hesitação (e hostilidade) em confiar na perícia técnica para combater a pandemia da Covid-19; é importante destacar, como fator antecedente que, em 2016, o então presidente Barack Obama criou um escritório para respostas às pandemias junto ao Conselho de Segurança Nacional, contudo, em 2018, John Bolton, conselheiro de segurança nacional indicado por Trump, encerrou o escritório a fim de “agilizar” as operações do Conselho de Segurança Nacional. Luciana Borio, que então era diretora da equipe de preparação médica e biodefesa do Conselho de Segurança Nacional, foi veementemente contra o fechamento do escritório de resposta a pandemias chegando a dizer que uma pandemia de gripe poderia ser a ameaça número um para a segurança nacional. Não resta dúvida, nesse sentido, que a dissolução dessa equipe de respostas deixou

em alguma medida a equipe de Trump menos capacitada para lidar com a Covid-19.

II. No momento em que a Organização Mundial de Saúde começou a publicar relatórios fora da China sobre como testar o vírus (janeiro de 2020), Trump minimizou a gravidade da ameaça durante uma entrevista em 22 de janeiro para a CNBC. Nessa entrevista, Trump foi questionado sobre uma possível preocupação em relação à pandemia; de maneira categórica, ele respondeu afirmando que não tinha temor algum e que estava absolutamente tudo sob controle e que tudo ficaria bem.

III. Conforme a Covid-19 começou a espalhar para fora da China, durante o final de janeiro, a OMS declarou emergência de saúde global e incentivou países a começarem os preparativos para o enfrentamento, sobretudo no que diz respeito à disponibilidade

de testes rápidos. Nesse mesmo Período, em um comício em Iowa, Trump afirmou que apenas 5 americanos tinham contraído Covid-19” e que por conta disso ele estava esperançoso de que tudo ia ficar bem muito em breve.

IV. Em continuidade, durante todo o mês de fevereiro, Trump continuou a minimizar a ameaça do coronavírus, apesar de os casos estarem rapidamente se espalhando fora da China. Em 2 de fevereiro, Trump afirmou em uma entrevista que os Estados Unidos não tinham o que temer pois eles se fecharam praticamente por completo a tudo que vem da China. Mais adiante, em 13 de fevereiro, em uma entrevista na Fox News, Trump afirma que havia nos Estados Unidos apenas uma dúzia de casos e que as pessoas no geral estavam se recuperando bem.

V. Nessa mesma sequência de narrativas, Trump afirmou

pelo Twitter, em 24 de fevereiro, que “O Coronavírus nos Estados Unidos está sob controle”. Não obstante, na mídia convencional Trump aproveitou reiteradamente as oportunidades para minimizar a gravidade da ameaça vírus, mesmo quando os alertas da OMS passaram a ser mais contundentes. No dia 26 de fevereiro, Trump afirmou que apenas 15 pessoas tinham Covid-19 nos Estados Unidos e que em breve esse número seria reduzido a zero.

VI. Vale destacar que em abril foi revelado que Trump estava sendo constantemente informado pela Agência Central de Inteligência de que os efeitos da Covid-19 seguiram um ritmo cataclísmico nos Estados Unidos. Tais avisos começaram a ser dados a Trump em novembro de 2019, contudo, os avisos foram ignorados. Peter Navarro, conselheiro econômico de Trump, elaborou um memorando alertando sobre as consequências deletérias

de um surto potencial de Covid-19, contudo, esse aviso também foi ignorado por Trump. Como consequência, Navarro, em janeiro de 2020, começou a enviar avisos não só a Trump, mas para toda a Casa Branca, sobre o fato de o Coronavírus ter potencial e matar meio milhão de americanos, além de causar um dano econômico superior a seis trilhões de dólares. Nessa mesma sequência de esforços, Alex Azar, secretário de Saúde e Serviços Humanos, alertou Trump por meio de ligação, em 30 de janeiro, sobre a possibilidade real de a pandemia de Covid-19 abater os Estados Unidos, contudo, Trump retrucou dizendo que Azar estava sendo alarmista.

VII. Nancy Messonnier, principal especialista do Centro de Controle de Doenças (CDC), foi rechaçada por Trump depois de ela ter realizado conferência com jornalistas, quando falou abertamente sobre a necessidade de os

americanos estarem preparados para uma grave perturbação em seu ritmo de vida. Apesar desse esforço isolado de Messonnier, a administração Trump, no final de fevereiro, se esforçou para continuar minimizando a ameaça ao público americano. Dentre tais esforços negacionistas, destaca-se a fala de Anthony Fauci, no *Today Show* da NBC, onde ele afirmou que não havia necessidade de se mudar absolutamente nada na rotina das pessoas, afirmando que o risco de contágio pela Covid-19 era baixo. Mark Thomas Esper, secretário de defesa, instruiu os militares a tomarem medidas para se proteger do coronavírus, contudo, sem entrar em conflito com as mensagens de Trump. Essas evidências mostram que, no final de fevereiro, enquanto especialistas lançavam alertas acerca do risco da Covid-19, a administração Trump, de maneira sistemática, buscava controlar e inocular esse tipo de mensagem.

VIII. O negacionismo em relação à Covid-19 na administração Trump seguiu duas rotas inicialmente: o controle de informações (visando eliminar informações alarmistas) e, ao mesmo tempo, o fato de a administração buscar atrasar ações de resposta política. Nesse sentido, vale dizer que Trump proibiu viagens da China aos Estados Unidos apenas em 31 de janeiro, e estabelece proibições em relação às viagens da Europa apenas 6 semanas depois. Em 10 de março, em uma reunião no Capitólio, Trump disse que a Covid-19 era algo inesperado, mas que ainda assim os Estados Unidos tinham feito um excelente trabalho e que logo tudo ficaria bem de novo. No dia seguinte, em 11 de março, a OMS declarou oficialmente que a Covid-19 era uma pandemia.

IX. Pelo Twitter, em 21 de março, Trump anunciou que a Hidroxicloroquina junto com a Azitromicina tinham chances

reais de curar a Covid-19. Em resposta, uma grande quantidade de médicos respondeu a Trump para abandonar a ideia de que esse era um tratamento a ser seguido, pontuando-se aqui primeiramente falta de comprovação científica quanto à eficácia em ensaios clínicos de grande escala. Em abril, Trump começou a mostrar sinais claros de impaciência com a comunidade científica lançando inclusive ataques contra a OMS. Em resposta, Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, pediu que o vírus não fosse politizado e que deveria haver uma soma de esforços políticos a fim de salvar vidas. Em continuidade ao conflito, Trump instruiu sua administração a suspender o financiamento da OMS, em 14 de abril.

X. Na sequência, Trump e seus aliados começaram a pressionar os estados que flexibilizassem as medidas de isolamento social e permitissem a abertura

do comércio o mais rápido possível, isso considerando que uma “retomada econômica” poderia, na leitura de Trump, favorecer sua reeleição em novembro. Como consequência, a pressão para a reabertura dos estados levou a audiências no Congresso. Perante o Senado, Fauci testemunhou e apontou evidências sombrias sobre a reabertura dos estados, alertando que isso poderia agravar a situação da pandemia.

De todo modo, são nítidas as diferenças quanto ao discurso em relação à Covid-19 emitidos por Biden e Trump.⁵ Nesse quadro, Trump sustenta um semblante negacionista, tanto em relação à ciência como à saúde pública. Nesse escopo, Trump insistentemente, durante o ano de 2020, se recusou a utilizar máscara. recur-

so que, de maneira geral, foi ridicularizado por muitos membros da administração federal que ensinaram encontros e aglomerações dentro da Casa Branca (Luchese & Pianta, 2020). Em repetidas e reiteradas aglomerações desnecessárias, a vida de centenas de trabalhadores essenciais da Casa Branca foi colocada em risco. Aliás, mesmo enquanto estava doente, Trump deixou o hospital em um carro para acenar para seus apoiadores, o que colocou em risco agentes do serviço secreto. Trump chegou a dizer inclusive em seu Twitter que a Covid-19 era um vírus quase inofensivo, menos letal que a gripe.⁶

⁵ A campanha de Biden, em comparação com a de Trump, foi desde o começo mais eficiente no que diz respeito a conseguir engajamento remoto, mostrando assim uma maior capacidade de se adaptar à condição imposta pela Covid-19 (Landman & Splendore, 2020).

⁶ O Twitter apagou o perfil de Donald Trump @realDonaldTrump na noite do dia 08 de janeiro de 2021, dois dias depois de apoiadores do presidente dos Estados Unidos invadirem o Congresso, em ato violento que resultou em 5 mortes. O Twitter publicou o seguinte tweet: “After close review of recent Tweets from the @realDonaldTrump account and the context around them we have permanently suspended the account due to the risk of further incitement of violence.” (Após uma análise cuidadosa dos Tweets recentes do @realDonaldTrump conta e do contexto em torno deles, suspendemos permanentemente a conta devido ao risco de mais

Vale dizer que Trump mostrou grande hostilidade em relação ao trabalho das agências de saúde, incluindo aqui nesse bojo o Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) e também o *Food and Drug Administration*. O comportamento negacionista de Trump, em relação à Covid-19 e à pesquisa e ciência, foi visto em pouquíssimos outros líderes políticos, dentre eles o presidente brasileiro Jair Bolsonaro (que despediu dois ministros da Saúde que defendiam medidas de isolamento e distanciamento social), o presidente indiano Narendra Modi (que reprimiu a mídia por ser “pessimista” em relação à Covid-19) e o britânico Boris Johnson (Gonsalves & Yamey, 2020).

Outro fator pertinente diz respeito à conduta do presidente Donald Trump. Nas respostas à pergunta formulada pela Gallup “Você aprova ou desaprova a maneira

como Donald Trump está lidando com seu trabalho como presidente?”, o percentual de desaprovação foi acima de 50%, na maior parte do ano de 2020. Então é possível verificar que, além das buscas por Covid-19 nos estados onde Joe Biden tem preferência, há também uma grande parcela da população que desaprova a gestão do presidente Donald Trump, conforme a pesquisa da Gallup. Essa desaprovação tomou corpo de maio em diante, aparentemente, momento em que a primeira onda da Covid-19 nos Estados Unidos se tornou mais robusta.

incitamento à violência.) [tradução nossa].
Fonte: Twitter Safety, 2021 @TwitterSafety

Metodologia

Desenvolveu-se neste estudo um quase-experimento natural, a fim de aferir o possível efeito que o interesse dos internautas estadunidenses pelo tema Covid-19 pode ter exercido em relação ao comportamento eleitoral e, mais especificamente, sobre a distribuição e votos em Biden e Donald Trump. Empregou-se aqui a metodologia descrita em Moraes e Santos (2019) e Moraes (2020), segundo a qual as distribuições espaciais de buscas no Google são empregadas como preditoras da distribuição de votos.

Considerando as evidências elencadas nos estudos de Baccini, Brodeur e Weymouth (2020) e de Warshaw, Vavreck e Baxter-King (2020), há uma significativa relação entre a epidemia de Covid-19

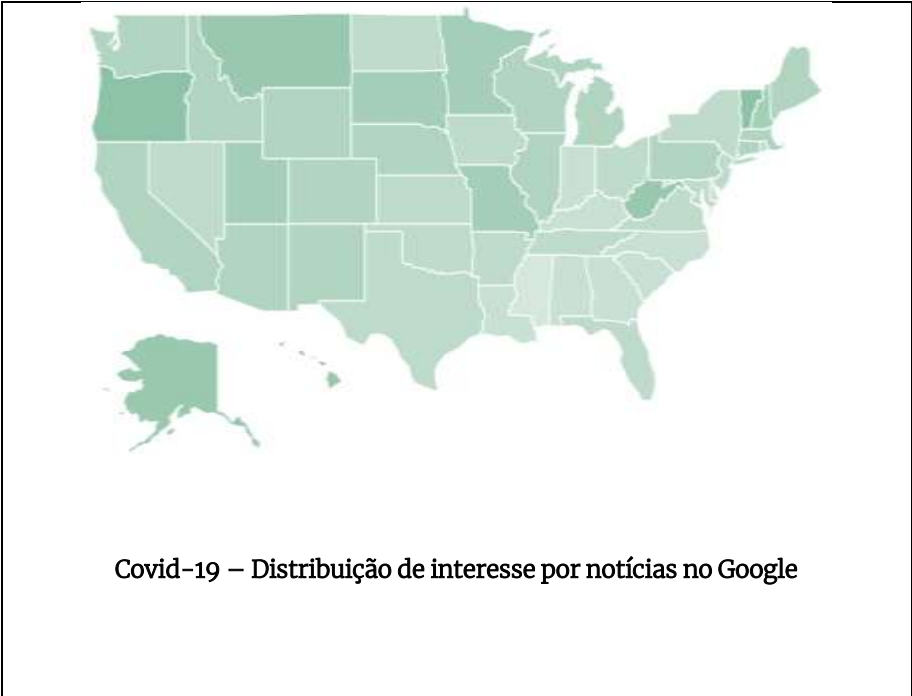
e um tipo de “punição eleitoral” contra Donald Trump. A hipótese que visamos testar é de que, possivelmente, a distribuição geográfica de interesse (medido no Google) pelo tema Covid-19 nos Estados Unidos pode ser um preditor de perda de votos de Trump.

Nesse sentido, considera-se como escopo e dados os 50 estados norte-americanos e o distrito federal, em um intervalo de tempo que vai de janeiro de 2020 até 3 de novembro (dia das eleições). Nesse caso, foram comparados os montantes equivalentes a esse período dentro de uma média unificada de 0 (zero) – menor valor, e 100 (cem) – maior valor. Para todos os casos, considerou-se o intervalo de confiança de 95%.

Resultados das buscas por COVID-19 e votos em Biden e Trump por Estado

Gráfico 1. Distribuição espacial de votos em Biden e Trump e o interesse por Covid-19

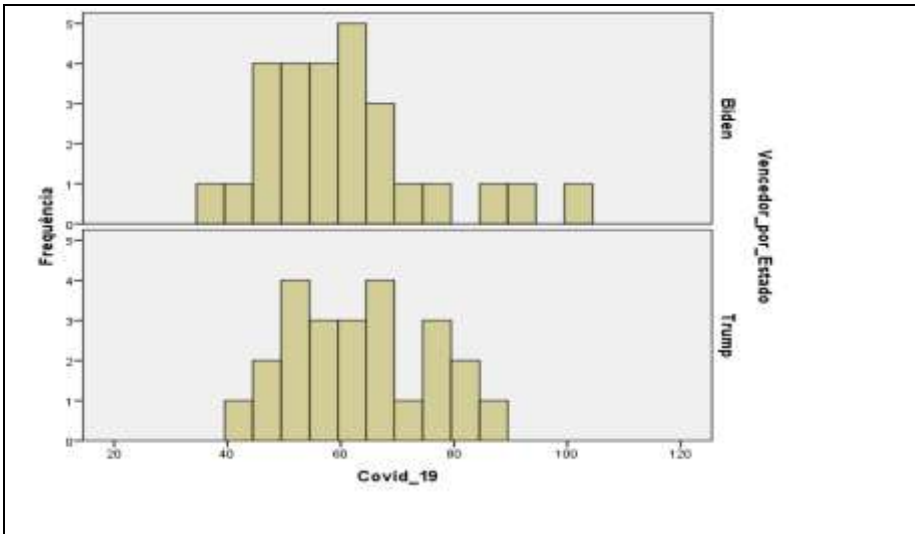




Fonte: os autores (2021).

No Gráfico 2, tanto os votos de Trump como também os de Biden e a distribuição de interesse no Google pelo tema Covid-19 foram plasmados em uma frequência proporcional de 0 a 100. No gráfico a seguir apresenta-se em um diagrama a frequência de buscas por Covid-19 segmentadas em estados onde Biden foi vencedor e outros onde Trump obteve mais votos.

Gráfico 2. Distribuição de interesse por Covid-19 em estados onde Trump e Biden foram vencedores



Fonte: os autores (2021).

Na tabela a seguir, observa-se a estatística descritiva das buscas no Google pelo tema Covid-19 nos estados onde Biden e Trump foram vencedores. É interessante destacar que, tanto pela observação ao Gráfico 2, como também pelos resultados da estatística descritiva, fica perceptível na soma, também pela observação de valores máximos, que o tema Covid-19 foi mais buscado nos

estados onde Biden foi vencedor. Contudo, observa-se também que mesmo nos estados onde Trump foi vencedor, a busca por Covid-19 foi muito significativa, o que se plasma tanto no valor de moda 67 (superior ao de Biden com 52), como também no valor mínimo de 42 (superior ao valor mínimo nos estados onde Biden foi vencedor, que foi 37) como também a

média de 63 (contra 61 dos estados onde Biden foi vencedor).

Tabela 1. Estatística descritiva de distribuição de interesse por Covid-19 em estados onde Trump e Biden foram mais votados

		Covid_19				
		Média	Máximo	Mínimo	Moda	Soma
Vencedor por Estado	Biden	61	100	37	52	1642
	Trump	63	87	42	67	1514

Fonte: os autores (2021).

Em resumo, afere-se que, de maneira geral, o tema Covid-19 despertou interesse tanto em estados onde Trump obteve mais votos como também nos estados que elegeram Biden, contudo, denota-se que, de maneira geral, há ligeira superioridade no volume de interesse nos estados que elegeram Biden (em comparação com estados que elegeram Trump).

Nesse sentido, a fim de avaliar se existe relação entre a distribuição

espacial de votos por Biden e Trump e a distribuição de interesse pelo tema Covid-19 nos Estados Unidos, empregaram-se dois modelos de regressão linear, sendo que em ambos a variável preditora foi a distribuição de interesse por Covid-19; e, enquanto variável dependente, em um modelo se considerou a distribuição espacial de votos em Biden e, em outro, empregou-se a distribuição de votos de Trump.

Tabela 2. Regressão linear

Joe Biden			
R quadrado	R quadrado ajustado	Erro de estimativa padrão	
,043	,024	1906935,069	
ANOVA			
Quadrado médio (Regressão)	F	Sig.	
8,023E+12	2,206	,144	
T-student			
Coeficientes padronizados	T	Sig.	
(Beta)			
-,208	-1,485	,144	
Donald Trump			
R quadrado	R quadrado ajustado	Erro de estimativa padrão	
,101	,082	1372613,101	
ANOVA			
Quadrado médio (Regressão)	F	Sig.	
1,032E+13	5,475	,023	
T-student			
Coeficientes padronizados	T	Sig.	
(Beta)			

-,315	-2,340	,023
-------	--------	------

*Em ambos os modelos a variável independente é a distribuição geográfica de interesse registrado no Google pelo tema Covid-19.

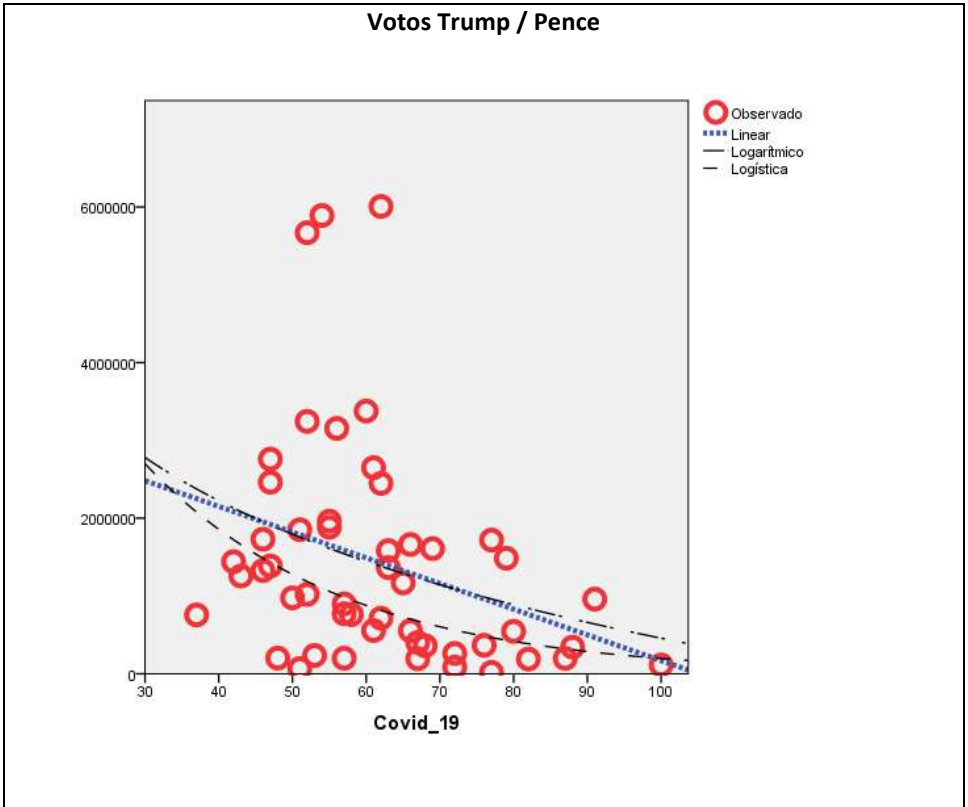
Fonte: os autores (2021).

Primeiramente, os resultados mostram que, no caso da distribuição espacial de votos de Joe Biden, o fator “interesse por Covid-19” não parece exercer efeito significativo, visto que o valor de validade global do modelo extrapola o intervalo de confiança e o mesmo ocorre com a significância no teste de *t-student*.

Contudo, apesar de não termos encontrado relação entre a distribuição de votos de Biden e o interesse por Covid-19, no caso de

Trump a relação é significativa. Nesse sentido, 8,2% da distribuição espacial de votos de Trump podem ser relacionados pela distribuição de interesse na Covid-19, o que se corrobora tanto pela aderência da significância global do modelo como pela significância da variável Covid-19 no teste de *t-student*. No Gráfico 3, a seguir, é delineado um diagrama de dispersão considerando os votos de Trump e a distribuição espacial de interesse registrado no Google por Covid-19.

Gráfico 3. Diagrama de dispersão entre distribuição de votos de Trump e o interesse por Covid-19



Fonte: os autores (2021).

O ano de 2020 ficará marcado na história global como o ano de imprevisibilidade, da incerteza e de muitas dificuldades para os povos, especialmente por causa

da pandemia do Coronavírus (Covid-19). Nesse contexto, esperavam-se respostas imediatas dos governantes para combater ou amenizar os problemas decorren-

tes da pandemia, conforme a Fundação Oswaldo Cruz (2020), sendo esses problemas não apenas. Nessa situação de impacto político da Covid-19, com consequências no contexto eleitoral, destacamos a importância de reflexão deste trabalho, não apenas nas tendências de interesse e de votos em Joe Biden e Donald Trump, mas especialmente na conduta política desses atores políticos. É possível que, se a pandemia do Covid-19 não tivesse ocorrido, os resultados eleitorais poderiam ser outros, afinal, saber lidar com a incerteza e a imprevisibilidade é algo que a população espera de seus representantes políticos.

nas de ordem biomédica e epidemiológica, mas sociais, econômicos, culturais e políticos.

Nessa logicidade, mesmo antes do início de sua campanha, Trump começou a concorrer contra o estado administrativo, fazendo apelos de que ele cortaria regulamentos e definiria um caminho de ruptura em relação à burocracia. Nesse cenário, o que se viu foi uma aversão contínua e exacerbada de Trump em relação aos conselhos técnicos, o que, por sua vez, impactou de forma significativa na capacidade de o governo federal de lidar com a crise da Covid-19, levando, por consequência, à elevação de perda de vidas americanas em um ritmo exponencial (Rutledge, 2020).

Considerações finais

Ao que parece, os resultados que relacionam a pandemia da Covid-19 com as votações nos Estados Unidos guardam uma forte relação com a literatura que relaciona o tema “desastres naturais” com comportamento político. Nesse sentido, a lógica aqui se assemelha bastante à “votação retrospectiva”, caso em que eleitores racionais tendem a recompensar os titulares não apenas pelo sucesso no que diz respeito ao desempenho econômico (em tempos bons), mas também pela capacidade demonstrada por esses líderes de delinear e executar programas de resgate imediato, a fim de contingenciar situações calamitosas. Nesse esquadro, é esperável que governos em exercício sejam punidos, do ponto de vista eleitoral, sempre que se mostrem incapazes em promover a mitigação e alívio das crises

(Baccini, Brodeur & Weymouth, 2020).

O contexto de um conflito necessita da identificação de um inimigo, mas, sendo o vírus abstrato demais, são as pessoas infectadas que se tornam ameaças à sociedade. Em clara manifestação racista, Donald Trump e seus correligionários passaram a denominar a Covid-19 de “vírus chinês”. Para alguns comentaristas, essa era uma estratégia do Partido Republicano para melhorar suas chances na corrida pela Casa Branca em novembro de 2020. Todavia, a retórica xenofóbica de Trump fez que aumentassem os crimes de ódio contra asiáticos americanos, como alertou o FBI (Caetano, 2020).

Donald Trump teve desde o início da pandemia um comportamento negacionista em relação ao vírus, desestimulando muitas vezes o

isolamento social e a adoção de medidas sanitárias, como o uso de máscaras. Tal postura, em contraste com a atitude de Biden (mais responsiva), pode ter levado os eleitores, em perspectiva racional, a “punirem” eleitoralmente Trump com a expectativa de que, caso vencesse, Trump poderia continuar sendo displacente e ineficiente no combate à Covid-19 (o que, na pior das hi-

póteses, hipertrofiaria ainda mais os efeitos deletérios da pandemia). Dito de outra forma, nossos resultados parecem mostrar que a desaprovação do desempenho de Trump no combate a Covid-19 pode ter representado um percalço significativo contra sua reeleição, afinal, a perda de mais de 8% dos votos de Trump tem relação pelo interesse do tema Covid-19.

Referências

- Allcott, H., Boxell, L., Conway, J., Gentzkow, M., Thaler, M., & Yang, D.** (2020). Polarization and public health: Partisan differences in social distancing during the coronavirus pandemic. *Journal of Public Economics*, 191, 104254.
- Baccini, L., Brodeur, A., & Weymouth, S.** (2021). The COVID-19 pandemic and the 2020 US presidential election. *Journal of Population Economics*, 34(2), 739-767.
- Baringer, A., Herron, M. C., & Smith, D. A.** (2020). Voting by Mail and Ballot Rejection: Lessons from Florida for Elections in the Age of the Coronavirus. *Election Law Journal: Rules, Politics, and Policy*, 19(3), 289-320.
- Caetano, G. F.** (2020). Não estamos em Guerra! A retórica belicista no enfrentamento à Covid-19. In Grossi, M. P. & Toniol, R. (Eds), *Cientistas Sociais e o Coronavírus* (pp. 68-72). Florianópolis: Tribo da Ilha.

Fundação Oswaldo Cruz. (2020). Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. Observatório Covid-19. Rio de Janeiro, 2020.

Galea, S., Ettman, C. K., Maani, N., & Abdalla, S. M. (22Jan.). Taking the Long View: COVID-19 Priorities for the Biden Administration. *Journal of Health Politics, Policy and Law*, 1–10. <https://doi.org/10.1215/03616878-8970781>.

Gollwitzer, A., Martel, C., Brady, W. J., Pärnamets, P., Freedman, I. G., Knowles, E. D., & Van Bavel, J. J. (2020). Partisan differences in physical distancing are linked to health outcomes during the COVID-19 pandemic. *Nature human behaviour*, 4(11), 1186–1197.

Gonsalves, G., & Yamey, G. (2020). Political interference in public health science during covid-19. Populist leaders like Trump, Bolsonaro, Modi, and Johnson view scientists as their opponents. *BMJ*, 371, 1–2. <https://doi.org/10.1136/bmj.m3878>

Karwowski, M., Kowal, M., Groyecka, A., Białek, M. ł., Lebuda, I., Sorokowska, A., & Sorokowski, P. (2020). When in Danger, Turn Right: Does Covid-19 Threat Promote Social Conservatism and Right-Wing Presidential Candidates? *Human Ethology*, 35(1), 37–48. <https://doi.org/10.22330/he/35/037-048>

Kushner Gadarian, S., Goodman, S. W., & Pepinsky, T. B. (2020). Partisanship, health behavior, and policy attitudes in the early stages of the COVID-19 pandemic. *Health Behavior, and Policy Attitudes in the Early Stages of the COVID-19 Pandemic* (March 27, 2020).

Landmana, T & Splendore, L. .G. .S. (2020). Pandemic democracy: elections and COVID-19. *Journal of Risk Research*, 23(7–8), 1060–1066.

Lucchese, M., & Pianta, M. (2020). The coming coronavirus crisis: What can we learn? *Intereconomics*, 55(2), 98–104.

McInturff, W. D., & Lewis, J. (2020). What COVID-19 and the nomination of Joe Biden mean for health care in the 2020 presidential election. In *JAMA Health Forum* , 1(7). American Medical Association.

Moraes, T. P. B. Transferência de renda condicionada (TRC) e votos–Bolsa Família, internet e eleições 2018. *Comunicação & Sociedade*, 42(2), 393–427.

Moraes, T. P. B., & Santos, R. M. (2019). Os protestos de 2013 e 2015 e o impacto na eleição de 2018. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 24(2), 327–350.

Rutledge, P. E. (2020). Trump, Covid-19, and the War on Expertise. *The American Review of Public Administration*, 50(6–7), 505–511.

Sachs, J. (2020). Por que a Covid-19 se alastra nos EUA e o que pode ser feito. In Tostes, A. & Melo filho, .H. (Eds), Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois (pp. 89-96). Bauru: Canal 6.

Schaefer, B. .M. (2020). Identificação partidário-ideológica e a COVID-19: evidências recentes. In Grossi, M. .P & Toniol, R (Eds), Cientistas Sociais e Coronavírus. (pp. 86-90). Florianópolis: Tribo da Ilha.

Speck, B. W., & Cervi, E. U. (2016). Dinheiro, tempo e memória eleitoral: os mecanismos que levam ao voto nas eleições para prefeito em 2012. Dados-Revista de Ciências Sociais, 59(1), 53-90.

Stiglitz, J. (2020). Atormentados pelo Trumpismo. In Tostes, A. & Melo filho, H (Eds), Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois (pp. 105-108). Florianópolis: Bauru.

Wardhana, A. (2020). Willful Ignorance: Trump and the Failure of US COVID-19 Response. Global Strategis, 14(2), 331-348.

Warshaw, C., Vavreck, L., & Baxter-King, R. (2020). The effect of local COVID-19 fatalities on Americans' political preferences. Science Advances.

Recebido em: 16/03/2021

Aprovado em: 20/09/2021